

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la
República Argentina
“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”

Na fadiga da História

Beatriz Ana Loner¹
Lorena Almeida Gill²

Esta comunicação vem se somar a outros trabalhos desenvolvidos pelo NDH/UFPel, com ênfase na história oral temática (Meihy e Holanda, 2007) e cujo objetivo, além de subsidiar as pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores, é contribuir para a formação de um banco de entrevistas orais sobre o trabalho na região sul do estado gaúcho. Nela serão apresentados trabalhadores vinculados a ofícios ainda existentes, mas consideravelmente alterados pelas técnicas modernas. O campo de pesquisa, portanto, pode ser pensado tanto através de padrões de socialização e de trajetórias, quanto de histórias de experiências (Alberti, 2007).

Inicia-se com a apresentação de três entrevistas: a primeira do senhor Benjamim Santos, nascido em 1914 e que trabalhou desde a juventude no porto de Pelotas, inicialmente como apontador, depois como estivador. Nesse último ofício foi presidente do sindicato, tendo sido cassado com o golpe militar de 1964. Aposentado, continuou com sua militância na Associação dos Aposentados de Pelotas. O outro foi o senhor Darcy Huckembeck, que trabalhou como arrumador de carga no porto, sendo contemporâneo de Benjamin, companheiro no trabalho portuário e na simpatia pelo Partido Comunista. A terceira entrevista é de dona Leonor, tecelã aposentada, trabalhadora da Fiação e Tecidos Pelotense e sogra do senhor Darcy. Afrodescendente, Leonor nos traz uma outra vivência, das operárias humildes, com pouca educação formal, mas grande experiência de vida, submetida ao

¹ Professora Doutora do Instituto de Ciências Humanas, UFPel, Brasil.

² Professora Doutora do Instituto de Ciências Humanas, UFPel, Brasil.

domínio da família e do marido, mas que, mesmo assim, e dentro de seus limitados recursos, participava do movimento, fazendo greves, nem que para isso tivesse que se esconder atrás de árvores, para assistir as mobilizações e comícios.

Através das lembranças destes trabalhadores, busca-se perceber e fixar alguns momentos daqueles tempos passados, de crianças andando mais de dois quilômetros a pé, com os pés e dedos gelados para assistir aulas, de pessoas marcadas em seus corpos pelas duras lidas do trabalho físico, de identidades operárias modeladas pelos rigores de épocas difíceis para a militância, mas nunca submissas.

Entrevistados ainda no ano de 1995, como parte de pesquisa acadêmica, esses depoimentos foram pouco aproveitados por ter se buscado outra vertente de pesquisa à época. Revisitando seus testemunhos, agora guardados no Núcleo de Documentação, se percebeu a riqueza de suas entrevistas, marcando a dura luta de trabalhadores de meados do século XX, com pouca instrução, mas muita consciência de classe, que iniciavam muito cedo nas labutas próprias de filhos de classe trabalhadora. Enquanto crianças, nem sua educação era preservada, já que ou eram tirados da escola para trabalhar muito cedo, ou tinham que andar quilômetros para assistir aulas em escolinhas de classe única, no frio do inverno e de calças curtas, como Darcy:

E eu tinha facilidade para aprender. O colégio para mim foi fácil, muito fácil. Só era difícil enfrentar o caminho [...] prá ir e voltar o colégio. [...] Pegamos um inverno muito difícil [...], no inverno de 46 caiu muito gelo. A gente que era pobre e não tinha condições de comprar roupa suficiente ou calçado. Eu enfrentei o inverno de calça curta, camisa de manga curta e sem nada nos pés. Andava mais ou menos 3 quilômetros e o caminho era caminho mesmo, não era estrada [...] quando caía o sereno a gente se molhava todo. E tinha que enfrentar isso. E eu tinha que chegar no colégio às 8 horas da manhã, geralmente as minhas mãos estavam entangidas e eu não podia escrever.

Os depoentes se iniciaram ainda na adolescência no trabalho doméstico ou no porto, tendo uma vida de muitas privações. Mesmo com dificuldades, havia compensações, expressas através de suas memórias. Lembranças de uma vida sofrida e fatigante desde seus inícios, mas também lembranças de vidas marcadas pelo signo da esperança. Esperança essa que não havia morrido ainda quando os entrevistamos. Nem neles, nem em nós. Talvez por isso essas entrevistas pareçam hoje tão saborosas, como lembranças de outra época e de quem já fomos. Os seus depoimentos também retratam a situação conjuntural do país naquele momento³ e como historiadores, aprendemos a nunca desvincular a conjuntura, do momento da produção dos textos.

Seu Benjamin é o exemplo mais claro desta situação. Filho de portugueses, nascido no Brasil, permaneceu no colégio apenas até aprender a escrever, logo o deixando para trabalhar junto com seu pai, sendo depois encaminhado, aos 8 anos, para o trabalho de apontador de cargas e, aos 14, foi matriculado como operário estivador. Suas mãos, em que corriam duas fundas pregas que, segundo ele, haviam afetado os nervos, eram a evidência dos esforços físicos demasiados impostos a seu corpo ainda em formação. Ele fala que, no início dos anos 1930, portanto quando ainda era adolescente, trabalhou durante um período, para uma firma que embarcava charque para outros estados:

Benjamin Santos: [...] E aí se atravessava uma distância como daí dos fundos ao meio da rua, por cima de duas tábuas, empurrando carrinho que ia com quatro fardos de charque lá na beira do arroio pra se embarcar [...].

Beatriz Loner: Só uma pessoa?

B.S. Não, duas pessoas, uma, uma no meio dos varais do carrinho, tipo um animal puxando uma charrete, e o outro detrás ajudando a empurrar o carrinho pra gente poder chegar lá; olha o resultado aí [mostra as duas palmas das mãos com marcas profundas ao meio].

³ Embora isso não fique explícito nesse texto, pois foram privilegiadas outras questões, como a fadiga e a dureza do trabalho. Seu Benjamin, especialmente, ao final de sua entrevista faz verdadeiros discursos contra as propostas do governo de Fernando Henrique Cardoso para os aposentados, ao que respondemos com igual entusiasmo.

B.L. O que foi isso?

B.S. Dos nervos [...], a gente atravessava quatro trilhos, da zorra, do trem, e aquilo ia chocando, então foi dilatando os nervos [...] pelas mãos, essa aqui ainda está mais aberta, essa aqui ficou encolhida.

Como estivador, também sofreu, como vários outros, de “bico de papagaio”⁴, provocado pelos enormes pesos que era obrigado a levantar. Segundo ele, o pior serviço era quando o navio já vinha meio carregado de Porto Alegre, com pouco espaço em seus porões para o resto da carga, que deveria então ser colocada com o estivador abaixado, praticamente agachado, para preencher os espaços até o forro do porão.

Quanto ao seu Darcy, este trabalhava fora do navio, como arrumador, mas também tem relatos da dureza de sua função. Dona Leonor, por sua vez, filha de um salgador de charqueada começou a experimentar dificuldades logo que nasceu, pois perdeu a mãe, e seu pai abandonou a família, sendo dada para criação para outro casal. Ainda solteira foi trabalhar em casa de famílias como empregada. Depois de casada, a doença do seu marido, ex-estivador com problemas no coração, provocou sua saída novamente em busca de emprego em fábrica de fiação, como tecelã, profissão que abraçou durante 32 anos, cumprindo uma vida muito rígida e regulada, voltada para o trabalho, a filha e o marido.

Bem diferente era a situação de seu Benjamin e seu Darcy, ativistas sindicais e com militância partidária bem definida, da qual não abriram mão, nem mesmo em épocas de repressão forte, como depois de 1964, com o golpe militar no Brasil. Seu Benjamin ficou cinquenta dias preso, devido a ter reclamado da situação de miséria em que se encontravam as categorias dos trabalhadores do porto em Pelotas, muito prejudicados, pois, por volta das décadas de 1950-1960, o porto começou a perder a concorrência frente aquele de Rio Grande e muitas mercadorias passaram a ser levadas de trem ou caminhão até Rio Grande, sendo embarcadas apenas lá e tirando o trabalho

⁴ Trata-se de uma osteofitose, responsável por dores profundas nas regiões afetadas do corpo.

dos portuários de Pelotas. Por essa época ele se aposentou, mas, acostumado a uma vida de lutas, não descansou, criando uma Associação de Aposentados na cidade, pela qual ainda estava na presidência, aos 80 anos, em 1995, lutando com denodo contra as tentativas do governo de Fernando Henrique Cardoso, de retirar benefícios dos aposentados, em nome das propaladas reformas neoliberais (FIORI, 2001).

Mas também transparece muita fadiga, muita angústia e preocupação, capaz de marcar a personalidade dos militantes, com o trabalho partidário, como ativistas do PCB desde o tempo da ditadura estado-novista (1937-1945), passando pela liberalização partidária de 1945, por novo período de repressão aberta, depois pela tolerância informal dos governos de Vargas, Kubitschek e Goulart, até desembocar na ditadura militar e seus longos vinte anos de ocultamento das atividades partidárias em meio a muita repressão (Vizentini, 2000). Entretanto, suas militâncias não foram cortadas por este motivo e sim pelo próprio peso da idade, pois embora aposentados, costumavam se orgulhar das lutas e do seu papel na militância.

Com educação portuguesa, filho de pais conservadores, que sempre menosprezaram a educação, e que nunca deixaram suas filhas irem à escola, por considerar que mulher não precisava de educação, seu Benjamin era um devotado feminista, gostando de dizer que as mulheres eram grandes lutadoras. Além disso, tinha profundo orgulho de sua única filha, professora de escolas estaduais e do comportamento de sua falecida esposa:

Era lutadora, a mulher ainda lutava mais do que o homem, isso já em 1920, 1915, a mulher é superior ao homem, por que eu gabo a mulher, porque eu me envolvi nisso tudo, eu conheço a luta da mulher. Então eles ficam admirados quando eu digo “eu tenho mais fé nas mulheres aqui na luta do que nos próprios homens”, porque a mulher tem mais espírito de sacrifício [...].

Dona Leonor talvez fosse um exemplo das mulheres sobre as quais falava seu Benjamin, embora, ao contrário de sua esposa, não fosse militante. Mesmo assim ela não deixava de se reconhecer como operária, procurando acompanhar sua categoria. Desse modo, ela responde a pergunta de porque

era sindicalizada com o fato que tinha que ser para poder participar e saber sobre o que estava acontecendo, o que só saberia dentro do sindicato. Por outro lado, como sustentava a família, achava que não deveria se expor para não perder o emprego.

Sua situação é singular. Com o peso do encargo do sustento da família, do temor de perder o emprego e de sua situação feminina, ela tentava se resguardar de possíveis reações negativas da sociedade ou do patrão. Ao responder sobre se fazia greve, ela desconversa um pouco:

B.L. - A senhora chegou a participar de alguma greve ou houve alguma greve naquele período?

L. - Não, teve greves, mas eu nunca participei. Quer dizer, saia fora [...] só ficava esperando não é? Não me metia assim.....

B.L. - Mas a senhora trabalhava durante a greve?

L. - Não!

B.L. - Por que a senhora não trabalhava?

L. - Ah, não! E eu ia ser contra meus companheiros? Quer dizer, podia, mas não queria, não é? Tava de férias e só voltava quando todos voltassem.

B.L. - Quer dizer, a senhora parava, mas não participava ativamente da greve?

L. - É, é, saia fora não é? E só ficava ali esperando. Mas não me metia em nada.

Vemos que não é clara a sua situação: suas férias coincidiam com a greve, ou ela procurava tirá-las (e conseguia) neste momento? Por outro lado, ela é sogra de seu Darcy, então se pode considerar que a presença dele na sala pode ter influenciado suas declarações. Mesmo assim chama a atenção numa pessoa tão pacata e tranqüila como dona Leonor, a veemência com que se expressa em relação à necessidade de solidariedade para com seus colegas em greve.

Finalizando é importante ressaltar que, hoje em dia, quando no Brasil se procura recuperar o operário comum, hoje pouco motivado pelas grandes manifestações, não se deve esquecer, através do potente instrumento da história oral, de dar voz àqueles que efetivamente se comprometeram, que muitas vezes, se sacrificaram pelos demais, sem querer nada em troca, mas com consciência de classe, com esperanças para o futuro e que continuavam, na velhice, com aspirações de outro mundo e outra sociedade. Seus corpos estavam fatigados, mas não seus espíritos, que continuavam, ao mesmo tempo, tranquilos e rebeldes, com a certeza de terem cumprido com o seu dever.

Entrevistas com:

Benjamin Santos Pereira - 80 anos; Darcy Huckembeck - 61 anos e Leonor Garcia Coe - 80 anos, realizadas em 1995, por Beatriz Ana Loner. Acervo do NDH.

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar*. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

FIORI, José. *60 lições dos 90*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

Vizentini, Paulo. *O Brasil contemporâneo: autoritarismo e desenvolvimento (1961-1990)*. Revista Ciências e Letras, n. 28, jul/dez 2000, p. 14-41.